

Um olhar sobre a escrita do historiador Jean-Pierre Vernant em sua obra *O Universo, os Deuses e Os homens*.

Palavra chave: Vernant, Historiografia, antiguidade

Rômulo Henrique Andrade Silva

(Graduando de Licenciatura na UFCG. Membro do grupo de Estudos Clássicos e medievais da base Plataforma Lattes/CNPq)

Hoje, destacados historiadores da antiguidade, como Jean-Pierre Vernant e Paul Veyne, fundamentam-se na psicologia, na sociologia e na antropologia, visando interpretar a história da Grécia ou de Roma, de uma maneira paralela a Febvre e Braudel, se é que não seguem exatamente seu exemplo. Vernant, por exemplo, preocupa-se com a história de categorias como o espaço, tempo e a pessoa (Vernant, 1966)

Nessa citação acima, Perter Buker destacou como Vernant alterou forma de pensar a história antiga de uma forma geral, analisando pelo conjunto, ou seja, o político se relacionava com o religioso, e assim por diante. É exatamente por propor um estudo diferenciado que temos o objetivo de estudar Jean-Pierre Vernant.

Assim, temos o interesse de estudar Jean-Pierre Vernant e sua escrita na sua obra *O Universo, Os Deuses, os Homens*. Nossa vontade tem início a partir da grande contribuição para se pensar o universo mítico do homem grego que esse autor trás. Principalmente quando observamos como ele na sua introdução já mostrava para nós o grau de aproximação com temática:

A um quarto de século, quando meu neto era criança e passava férias com minha mulher e comigo, estabeleceu-se entre nós uma regra tão imperiosa quanto o banho as refeições toda a noite, quando chegava a hora de Julien ir para a cama, eu o ouvia me chamar em de seu quarto, quase sempre com impaciência: “Jipe, a historia, a história!” Eu ia me sentar perto dele e lhe contar uma lenda grega. Encontrava-a facilmente no repertório de mitos que eu passava meu tempo a analisar, destrinchar, comparar, interpretar, a fim de tentar compreende-los. Mas os transmitia de outra forma, de chofre, como me vinham a cabeça, à maneira de um conto de fadas...(VERNANT, J.P. 2000: 09)

Ele ao propor narrar esses mitos como se ele fosse um escritor grego antigo, o autor queria narrar essas histórias como os contadores de história do tempo de Platão. É interessante que nesse processo de escrever sua obra, é interessante notar que as fontes são (re)apropriadas como: a poesias, tragédias, história e filosofia.

Portanto, é observando essa forma com que seu trabalho é desenvolvido que nos estimula a buscar estudar essa obra de Jean-Pierre Vernant, percebendo as suas contribuições, seus diálogos, entre outros elementos.

Além disso, ao analisarmos esse texto temos em mente pensar como Jean-Pierre Vernant produziu essas histórias. Possibilitando assim perceber os diálogos, as influências que ele constitui no decorrer de sua escrita.

Por fim, temos como um terceiro objetivo achar outras possíveis interpretações que ele produziu de seu objeto e sua escrita. Percebendo como se desenvolveu a escrita de Vernant no seu texto.

Para produzir esse artigo foi imprescindível a contribuição que a semiótica, a hermenêutica, além de teóricos como Michel de Certeau, Michel de Foucault, Roger Chartier entre outros. Diálogos que buscaremos unir sobre a questão da autoria e da obra.

A semiótica poderá nos ajudar propondo construir uma abordagem em cima dos elementos básicos: **signo, significado**. Pois, notamos que os próprios mitos (re)escritos por Vernant são signos, que ele os (re)significou construindo abordagens e leituras para ele. Da mesma forma, que ao lermos, procuraremos elaborar novos sentidos.

Já a Hermenêutica nos ajuda a partir do momento que ela é uma ciência responsável pela interpretação da linguagem dos autores. Por isso, ao procurarmos interpretar os escritos de Vernant, estamos tentando encontrar os sentidos da sua linguagem.

Com a ajuda de Michel de Certeau, poderemos perceber como o desenvolvimento de um texto, que é constituído por um universo de influências que atuaram na escrita desse autor por tal fato mostra como a escrita é um processo ligado a um conjunto de referências de uma época. Portanto ele está ligado a um não-dito que participa de sua escrita.

Essa idéia de Certeau acima permite construirmos um elo com a opinião de Foucault, como um sujeito envolvido por vários “eus”. Sendo ele *ligado ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários “eus” em simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar*. Em “O que é o autor?” Foucault expõe muito bem que o conceito de autor é muito complexo, podendo existir no mesmo autor vários “eus”.

Com o auxílio de Roland Barthes, em seu livro: “O prazer do texto”, é possível entender como produzido o ato de leitura. Porém é ainda provável observamos como é cativante de estudar o conceito de autor é pensar semioticamente como ele é responsável por produzir um texto, mas possivelmente, ele não saiba como esse seu texto vai ser recebido pelo leitor. Pois, o receptor pode produzir uma leitura e posteriormente uma interpretação distinta sobre ela. Portanto, vai produzir uma (re)apropriação dessa obra.

Jean-Pierre Vernant

Nós optamos em escolher Jean-Pierre Vernant porque perceberemos que o ele ultrapassou por diversos momentos históricos que influenciaram no seu intelecto e de outros historiadores. Momentos como as grandes guerras mundiais, como a eclosão das idéias socialistas. A participação desses elementos na vida de Jean-Pierre Vernant pode ser percebida quando observamos a entrevista realizada por Jérôme-Alexandre Nielsberg. A partir da pergunta: que relacionava o engajamento político e a pesquisa histórica, o entrevistador aparentemente procurava questionar Vernant de como a sua vida social ia influenciar a sua escrita. É nesse momento que o entrevistado mostrando que em seu ultimo livro ele uniu a pesquisa histórica na antiguidade com as suas realidades vividas. Isso é visto exatamente em o *Mito e a Política*.

Por isso, Entre mito e política. De qualquer maneira, é necessário levar ao cuidado de interpretações muito simples, como tentando como esses que esta fórmula, na claridade aparente deles, que ele pode sugerir naturalmente. Poderiam, por exemplo, eles se alinham para unir debaixo do mito de nome o grupo de estudos que eu empreendi em mitologia grega e debaixo da rubrica política minha ação militante nos eventos contemporâneos. Ele/ela imaginaria uma viagem deste modo que, na medida das circunstâncias, teria me levado ir e entrar em ziguezague, da Antiguidade para o mundo de hoje, da pura e desinteressada investigação para o em compromisso de favor, da salva isolada na biblioteca deles/delas ao homem público que acotovela luta para acotovelar com seu camarada.(VERNANT, MITO Y POLÍTICA)

Na introdução do livro percebemos que Jean-Pierre Vernant pretendia fazer um livro para unir seus trabalhos e suas linhas de pesquisas. Uma forma de mostrar o elo entre a mitologia grega antiga junto com caminhos teóricos e as ações políticas do autor. Isso nos conduz dizer que o mito tem por traz dele uma influencia política que o elabora teoricamente e o significa. E que por traz dele a uma lógica de poder e lugar social. Idéia próxima a de Michel de Certeau.

Quando Certeau na *A cultura no Plural*, ele afirma que os grupos estão em um constate processo de construção de novas crenças, a chamada *revolução do crível*. Um processo constituído devido a rápida descrença nos valores da sociedade. Assim, os homens reagem elaborando novos valores, novos mitos, novos signos e representações sociais.

Portanto, é exatamente pelas as idéias do seu presente e das indagações de hoje, que Jean-Pierre Vernant procurava no passado interpretar as leituras clássicas. Por meio desse ato ele observa como se organizava estruturalmente a sociedade grega. E pensar como a mitologia grega repercutia uma imagem do próprio social da época.

Por tal fato, fica interessante, procurarmos esse *não-dito* presente nos questionamentos de Vernant. O seu *não-dito* que o próprio naquet destaca abaixo:

Desde essa primeira coletânea de Vernant, A análise era estrutural e seguia o modelo de Claude Levi-Strauss. Análise do panteão, especialmente, com a oposição entre Hestia e Hermes, o repouso e o movimento, o interior da casa e o gozo da porta. Análise dos mitos sem muita preocupação com a cronologia.(NAQUET, 2002. Pág. 30)

Jean Pierre-Vernant se aproximou muito do estruturalismo, da própria história cultural, a antropologia a semiótica. Saberes que fizeram da sua escrita um espaço para ações de interpretação, e leituras dos mitos gregos.

A escola estruturalista francesa influenciou vários campos desde a lingüística, literatura, antropologia. E que se destacava por se basear no estudo das estruturas. Cada elemento da sociedade se encontrava interligado a estruturas. Ela propunha analisar os fatos de uma forma a descreve-los, dando ênfase no sistema, percebendo que a uma ligação das unidades elementares. Nessas unidades percebe-se como a relação de do signo e referente atuaram de forma muito forma sobre os estruturalistas.

Entregando-se a esta dissociação, deve-se então reconhecer que existe um ideal comum de inteligibilidade que alcançam ou investigam todos os “estruturalistas”, ao passo que suas intenções críticas são infinitamente variáveis: para uns, como nas matemáticas, o estruturalismo se opõe à compartimentagem dos capítulos heterogêneos reencontrando a unidade graças a isomorfismos; para outros, como nas sucessivas gerações de lingüistas, o estruturalismo se distanciou sobretudo das pesquisas diacrônicas, que se estribam em fenômenos isolados, para encontrar sistemas de conjunto em função da sincronia; em psicologia, o estruturalismo combateu por mais tempo as tendências “atomísticas”, que procuravam reduzir as totalidades às associações entre elementos prévios; nas discussões correntes vê-se o estruturalismo queixar-se do historicismo, do funcionalismo e, às vezes mesmo, de todas as formas de recurso ao sujeito humano em geral. (JEAN PIAGET, 1979. PÁG. 05)

Um exemplo disso é o estudo do livro *O Universo, Os deuses e Os Homens*, notaremos como Vernant se apropria de valores estruturalista a se propor narrar e descrever as histórias. Interligando cada narrativa, cada personagens a seus valores simbólicos. Como por exemplo quando ele narra o duelo de Zeus e Prometeu no mito Promético, uma narração ele localiza cada um em um espaço em seus lugares sociais.

O outro estruturalista que colaborou muito com Vernant foi Claude Levi-Strauss, mostrando como é possível perceber como os mitos sendo constituídos por uma cadeia de estruturas intelectuais, portanto, não são organizados de forma aleatória. Cada criação mitológica se apresenta como única.

É interessante que o próprio Vernant expõe como Levi-Strauss permite pensar esse mito construído de forma bem organizada, bem cadenciada. De um modo a pensar a mitologia atuando junto a sociedade. Onde a própria comunidade, não percebe que está sendo elaborada a partir dos próprios valores trazidos por essas narrativas “fantásticas”.

A importância da escolha desse autor está ainda ligada as suas pesquisas e seus estudos do mito de Prometeu; Hestia e Hermes; ele desenvolve trabalhos de não apenas narrar-los, mas mostrar o grau de a proximidade que o mito tinha com os gregos antigos. Como essas narrativas podiam conduzir as sociedades e construir novas relações sócias culturais.

Podemos ver claramente quando o próprio Vernant nos destaca que na década 70 do século XX Claude Lévi-Strauss teve uma grande importância para os estudos do mito.

(...)As histórias de caráter mitológico são, ou parecem ser, arbitrárias, sem significado, absurdas, mas apesar de tudo dir-se-ia que reaparecem um pouco por toda a parte. Uma criação «fantasiosa» da mente num determinado lugar seria obrigatoriamente única – não se esperaria encontrar a mesma criação num lugar completamente diferente. O meu problema era tentar descobrir se havia algum tipo de ordem por detrás desta desordem aparente – e era tudo. (LEVI-STRAUSS, 1978. Pág. 15).

Portanto, vemos como Lévi-Strauss esquematiza seus estudos, e buscava estudar o significado dos mitos. Onde ele procuraria compreender se existira uma ordem por trás da dita desordem dita nos mitos. Nessa busca por construir uma ordem ele elabora significados para os mitos indígenas.

A influência de Lévi-Strauss não é apenas visualizada no estudo do mito, mas sim no uso da lingüística. E isso é também observado na escrita de Jean-Pierre Vernant, que para compreender ou construir significados para as narrativas, também fez uso de diálogos com a lingüista.

O interessante dessa aproximação desses dois autores resulta em um livro de Lévi-Strauss: *O Olhar distanciado*. Nela o seu autor recepciona os mitos clássicos tentando comparar essas histórias aos relatos indígenas.

Então, depois de localizarmos algumas contribuições que ajudaram a constituir o autor Jean-Pierre Vernant. Como o estruturalismo, os diálogos com a Antropologia, com a lingüística, sentimos necessidade de partir para uma análise mais centrada na abora em questão. Tendo como objetivo perceber como essa suas influencias ajudaram na sua escrita. Ou seja, buscaremos perceber como não-dito aparece na escrita de Vernant.

O Universo, Os deuses e Os Homens, uma interpretação da mitologia grega.

Jean-Pierre Vernant em sua introdução colocava nas primeiras linhas a origem do título do livro, *“Era uma vez... esse é o título que pensei em dar para esse livro. Ao final, preferir substituir por outro mais explícito (...)”*

Podemos observar como Vernant passa a fazer *uso* de um termo da literatura, *“Era uma vez”*. Ao se apropriar desse termo literário notamos como o autor aparenta querer exercer um *lugar* muito próximo de um mitólogo. Narrando de forma oral como assim era feito na antiguidade, de geração para geração. Contudo, fica visível a sua interação do autor com o tema, pois o mesmo destaca que era ingênuo da parte dele, tentar transmiti-lo dessa forma.

Ao mesmo tempo é interessante visualizar quando o autor destaca o processo de *“transformação”* dos relatos orais em texto escrito. Esse processo ele mostra como se dá de uma forma muito complexa e difícil.

(...)Não foi fácil. Da palavra ao texto a passagem é muito complicada. Não só porque a escrita ignora o que da substancia e vida ao relato oral: a voz, o tom, o ritmo, o gesto. Mas também porque, por trás dessas formas de expressão, há dois estilos diferentes de pensamento. (...) (VERNANT, J.P. 2000)

A passagem do relato oral para o escrito, coloca alguns problemas essenciais que cada um tem. Pois o relato necessita de um elo junto a oralidade, a narração, e a forma que cada um se apropria dos textos para transmiti-los para outras pessoas.

Portanto, não é apenas escrever o mito, pois para isso ele irar passar por um processo de mudanças. Pois primeiro é necessário selecionar uma versão do mito, ou seja, eliminar algumas versões. Além de colocar na sua escrita as suas influencias intelectuais.

Então, o processo de transcrição do mito passa por um processo semiológico pois, se é necessário ao intelectual observar o objeto (o relato), ler e posteriormente construir sua interpretação, significá-lo com sua leitura. Essa (re)leitura do intelectual permite que ele não apenas narre os textos, mas estude e o interprete.

É interessante que Jean-Pierre Vernant ao explicar essas etapas e esses obstáculos para a transcrição, ele necessita fazer isso, pois ele percebe que é dessa forma que pretende representar aos leitores as vozes dos mitos e das narrativas míticas. Para que essas suas falas pudessem ecoar posteriormente.

Ao se preocupar como seu texto ia ser lido pelo leitor, Jean-Pierre Vernant se aproxima de uma preocupação que Barthes. Esse ultimo, destacava que é necessário ao autor se preocupar principalmente com o dialogo com o leitor. um espaço dialético, um lugar da imprevisão do deleite.

Talvez, antes de imaginar que seu texto deva transmitir uma idéia sobre a mitologia grega, ele deve se preocupar para que esse se torne atraente para seu leitor, pois como Barthes já destacava: *O texto que o senhor escreve tem de me dar prova de que ele me deseja. Essa prova existe: é a escritura.*

Com a proposta de narrar os mitos gregos, Jean-Pierre Vernant inicia seu trabalho narrando *A origem do universo*. Capítulo onde ele pretendeu narrar a constituição do mundo para os gregos.

No inicio de tudo, o que primeiro existiu foi o Abismo: os gregos dizem (Khaos). O que é o caos? É o vazio, um vazio escuro que não se distingui nada. Espaço de queda, sem fim vertigem e confusão, sem fim, sem fundo.(VERNANT, J.P. 2000)

A partir de mostrar a origem do mundo ele trabalha elencando como o “Khaos” (caos) seria o espaço de desordem, de queda do nada, onde em meio a isso nasceria a Gaia (terra).

Depois apareceu a Terra. Os gregos dizem Gaia, (gaia). Foi no próprio seio do Caos que surgiu a Terra. Portanto, nasceu depois de Caos e representa, em certos aspectos, seu contrário.(...) A Terra possui uma forma distinta, separada, precisa. A confusão e a tenebrosa indistinção de Caos opõem-se a nitidez, a firmeza e a estabilidade de Gaia.(VERNANT, J.P. 2000)

Portanto, o autor vê a criação do mundo a partir dessa relação de alteridade, no encontro divino entre o Caos, simbolizado pela desordem e por Gaia, caracterizado pela ordem. O interessante é que Vernant por meio de um estudo dos signos, elabora uma leitura do encontro divino entre Khaos e Gaia: sendo um ato sexual. E a partir desse encontro o mundo se originaria.

É interessante que se elaborarmos uma leitura desse mito pode entender a construção de lugar social na relação sexual. Pois o próprio relato narraria a posição de Caos (uma palavra neutra) em cima, e Gaia (a mulher). Como se para os gregos, os deuses já explicavam a forma de um casal heterossexual ter relações. Para selar essa união percebemos a presença de *Eros*, ou seja, o amor. A terra como símbolo feminino, também característica pela função de gerar frutos. Nesse caso surge Urano, o céu, o filho, o duplo contrário da terra.

É dessa maneira que Jean-Pierre Vernant exerce a função dessa escrita sobre os mitos gregos. Na sua narrativa percebemos um destaque para os diversos duelos entre entes divinos e seres humanos. Talvez esse duelo seja destacado pelo texto que o autor elabora sobre o mito de Prometeu.

A importância do estudo sobre *O mito de Prometeu* pode ser observada nos diversos livros de Vernant. Livros como *Mito e pensamento entre os Gregos*; *Mito e sociedade na Grécia Antiga*; *Universo, os Deuses e os Homens*.

Em *Mito e pensamento entre os Gregos*, observamos que ele elabora um trabalho muito mais de análise do mito. De tal forma que ele mostra como o mito de Prometeu pode passar um diverso campo de leituras. Mostrando como Louis SéChan mostra como esse narrativa conta a história da invenção do fogo e o domínio desse para o homem. Aqui observamos um estudo muito mais teórico e amplo. Com busca de construir significados para os termos em grego.

Já em *Mito e sociedade na Grécia Antiga*, localizamos uma análise mais da estrutura física do poema, uma forma de abordagem na qual ele observa como o mito de Prometeu pode ter dois níveis de abordagem, a partir das duas obras de Hesíodo: a primeira na *Teogonia* e a segunda em *Os trabalhos e os dias*. Tal vez aqui visualizamos a presença de uma preocupação com os signos que os nomes, da estrutura das frases poriam ter. Ele faz um estudo muito mais estruturalmente do mito grego.

Contudo, como já sabem, nossos olhos estão voltados para uma análise principalmente para o terceiro livro. Em *O Universo os Deuses e os Homens*. Talvez aqui o que impere é um texto que esteja muito mais fácil para interpretá-lo pela ausência ou por uma redução de termos teóricos e por deixar uma narrativa mais solta, que permite compreendê-la de forma mais rápida.

A grande diferença desse trabalho em *O Universo, os Deuses e os Homens* que nesse livro a uma preocupação do autor em narrar o mito. E no momento da escrita ele passa a fazer uma análise da narrativa.

Como dividir os espaços entre os deuses e os homens? Agora, o uso da violência bruta já é impensável. Os humanos são fracos demais, bastaria um peteleco para reduzi-los a nada. Mas os imortais também não podem entrar num acordo com os imortais, como se faria entre pares. Impoe-se então uma solução que não resulte de um acúmulo de força nem de um entendimento entre iguais. Para realizar tal processo necessariamente bastardo, oblíquo, Zeus apela para um personagem que se chama Prometeu. (VERNANT, J.P. 2000)

Dessa maneira, quando Jean-Pierre Vernant se propõe narrar *O mundo dos humanos*. Ele centra seus olhos mostrando como o mundo humano surgiu a partir do duelo simbolizado pelo deus Zeus e pelo Titã Prometeu. Um duelo construído pelo o olhar da astúcia, das estratégias e das táticas desses dois indivíduos.

Prometeu é colocado um sujeito esperto, indisciplinar, crítico. A escolha por ele veio a partir da sua posição de neutralidade perante o conflito de deuses do Olímpio e os Titãs. O próprio Prometeu aconselhou Zeus. Contudo, Prometeu se colocou como um sujeito independente que age por conta própria.

Após decorrer a narrativa perceberemos como Prometeu passa a ser colocado muito próximo ao mundo dos humanos. Jean-Pierre Vernant ao localizá-lo nesse lugar, passa uma imagem que ele propõe perceber o titã simbolizando a rebeldia, a crítica que a própria humanidade ia construir com relação a religião. Pensamos isso, a partir de uma narrativa desse historiador, que ao colocar características humanas a Prometeu. Como a Rebeldia, a crítica.

As análises dos mitos de Vernant estão sobre carregadas de suas interpretações. Estudos que podem ser destacados e exemplificados quando ele expõe a aproximação entre Pandora, a mulher e a punição.

Partido desses três elementos da sociedade humana ele percebe como Pandora foi produzida por Zeus como uma punição pela própria rebeldia de Prometeu e dos homens. Ato esses que podem ser ressaltados quando visualizamos na própria narrativa de Pandora:

Convoca Hefesto, Atenas e Afrodite e divindades menores, como Horas, Horai. Manda Hefesto molhar a argila com água e modelar uma espécie de estatueta com a figura de parthenos, ou seja, uma figura de mulher ou, mais exatamente, de donzela, de mulher pronta para o casamento mas ainda solteira, e sobretudo, ainda sem filhos. (VERNANT, J.P. 2000)

A narrativa segue mostrando que está mulher ia ganhar o movimento e a esperteza, dado por Hermes, ganhar a beleza dada por Atenas e Hera. Portanto, isso nos mostra como Vernant faz um estudo e (re)escreve elaborando o arquétipo feminino.

A mulher passa a ser um presente divino aos homens, traz nela o desejo, a sedução, o espaço para tirar frutos. Porém, ela é esperta, sedutora, curiosa. E portanto, o homem se coloca entre está com essa mulher, mas está sujeitos os seus males.

É interessante que essa abordagem para a elaboração da mulher pode constituir um fato interessante para analisarmos como o mito grego passa construir um discurso desqualificador

para a mulher. Como se o mito fosse uma significação para o lugar desprestigiado da mulher grega.

Quando observamos a leitura que Jean-Pierre Vernant elaborou das obras de Hesíodo e Homero, podemos imaginar como o historiador se apropriou das narrativas procurando narras as histórias gregas. Por meio desse exercício de leitura desse pensador ele inventou a mitologia grega repensando os valores desse povo.

E para isso ocorrer, ele utilizou do uso do estruturalismo para narrar os mitos gregos, pensando sua estrutura interna dessas histórias e seu elo com a sociedade. É nesse caso que observamos a narrativa da origem do mundo.

A influencia antropológica com destaque para as leituras de Levi-Strauss ajudaram a Vernant a repensar o mito como passa a ser uma narrativa com um valor semiótico muito forte. Permitiu ele elaborar análises sobre o mito buscando perceber as possíveis interpretações e sua aproximação para os gregos.

A mitologia grega colocada por Jean-Pierre Vernant, apresenta como a origem vista por um visão sexual, onde o encontro das divindades fez surgir o mundo para os antigos gregos. Um encontro entre Gaia, e o Urano, permitiu a criação do universo para os gregos.

Como também a separação entre o mundo humano e mortal foi possível a partir da análise semiótica de Prometeu. Quando esse foi colocando como um sujeito próximo do mundo humano, espero, que duelaria com Zeus por melhores conquistas para os homens.

Por fim a análise da criação de Pandora, visualiza a preocupação de Vernant de narrar a estrutura do mito pensando ela é desenvolvida, e o sentido que cada elemento possa fazer parte da narrativa. Uma forma de abordagem que coloca a mulher como um “presente” aos homens. Onde os homens não teriam escolha para constituir uma sociedade a mulher é fundamental para a manutenção da sociedade humana. Porém ela vai trazer os males a sociedade humana.